Globethics Repository



Um novo êxodo [A new exodus]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Lochmann, Paulo
Publisher	Instituto Universitario ISEDET
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-12 23:04:44
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/155914

UM NOVO ÊXODO: A CAMINHADA DO MESSIAS JESUS

por: **Paulo Lochmann**

"E logo o Espírito o impeliu para o deserto e esteve no deserto durante quarenta dias, sendo tentado por Satanás, esteve com as feras, e os anjos lhe serviam. E depois de João ser entregue, foi para a Galiléia anunciando o Evangelho de Deus dizendo: porque o tempo está pleno e é chegado o Reino de Deus".

I. Onde tudo começou

O ponto de partida do ministério de Jesus, o Jordão e em seguida o deserto, estabelece o primeiro enlace redacional com o Êxodo conforme constataremos depois.

A seguir o texto nos mostra o código onomástico[1] João Batista, e o verbo *paradidomi* = "entrego", regido pela voz passiva, a qual sugere a idéia de *tendo sido entregue.* Sim, antes de passarmos ao inicio da caminhada do Messias Jesus na Galiléia, devemos nos perguntar: o que Marcos quer revelar com a denuncia da prisão de João Batista? Uma interpretação literária, diria: Marcos quer enfatizar que o ministério de Jesus dá prosseguimento ao de João Batista, na linha de uma História da Salvação. No entanto, ainda fica uma questão; a prisão de João, mesmo que colocada em outro momento por outros evangelistas (Mc 6, 14-29), tem sua historicidade defendida por vários exegetas. Deste modo, o inicio de ministério de Jesus ocorre a partir da prisão do profeta marginal, ao qual ele deve suceder na sequencia do plano salvífico de Deus.

Uma primeira conclusão histórico-política: a missão de João Batista e por consequência a de Jesus, correm em visível confronto com os ricos e poderosos, a quem o anúncio de profeta incomodava, por isto, a prisão dele e a consequente morte, com o fin de calá-lo.

Outra grande revelação nos traz o texto, através de código onomástico e topográfico-cultural, Galiléia. Ai se inicia o ministério Jesus, seu ministério galileu vai caracterizar-se por uma contínua caminhada com as multidões, caminhada de libertação, um novo Êxodo.

[1] Barthes, R., *El análisis estructural del relato; Exégesis y Hermenéutica.* Ed. Cristiandad, pág. 154, Madrid, 1976.

Esta demarcação é importante e significativa em todos os sinóticos. Marcos escreve: "...Jesus foi à Galiléia..." (Mc 1, 14). Lucas enfatiza o poder do Senhor: "...Jesus voltou para a Galiléia cheio do poder do Espírito Santo..." (Lc 4, 14). Mateus descreve semelhantemente a Marcos, apenas muda o verbo, diz ele "...Jesus retirou-se para a Galiléia..." (Mc 4, 12).

A Galiléia na época de Jesus, era território de Herodes Antipas, o qual dominou até 39 dc. Sua economia era centrada basicamente na agricultura[2], embora o comércio ocupase um lugar de destaque, visto que a rota de caravanas de comerciantes cruzavam suas terras através da famosa "via apia".

Começar na Galiléia significou que Jesus fez uma adesão parcial, era a terra das tensões e dos conflitos sociais responsáveis por rebeliões e lutas que desde a dominação dos Selêucidas sacudiram toda a terra de Israel, principalmente a Galiléia.

As razões de tais conflitos são várias. Mas as principais foram, a dominação da terra por grandes proprietários estrangeiros[3], somada ao sistema de impostos que tranferia legitima produção da terra para as mãos dos dominadores e donatários do poder político, os quais eram os romanos, Herodes a seus partidários e a oligarquia do Templo. Isto redundava na crescente pobreza do povo da Galiléia, apesar das riquezas naturais amplamente suficientes para o sustento do povo. A questão do dominio da terra por grandes latifundiários, é teste-munhada pela parábola dos lavradores maus (Mc 12, 1-12), a qual a parte interpretações, mostra claramente o conflito social na Galiléia.

Quanto aos impostos pago aos romanos eles eram de 25% da colheita de cada ano[4], além disto havia cotas para alimentação das tropas romanas de ocupação, mais multiplos pedágios. Somemos a isto o dizimo do Templo e mais ofertas alçadas, temos o quadro das tensões já mencionadas. Com isto a Galiléia viu crescer o número de enfermos, desempregados e lavradores sem terras.

Quando lemos que as multidões seguiam Jesus (Mc 3, 7), estas eram compostas por pobres e famintos, vitimas da estructura econômica e política estabelecida em Israel (Mc 8, 1-2)[5].

Não há dúvida que este estado de coisas gerou uma diversidade de privilegiados, os herodianos que achegados a família de Herodes usufruiam o que hoje chamamos de mordomias, entre os quais citamos: "a família dos Boetos e que por influência de Herodes o Grande chegaram ao supremo pontificado, em 22 antes de Cristo"[6]. Outros ligados a administração romana cediada em

2 Leipold, J.; Grundmann, W., *El Mundo del Nuevo Testamento.* Ed. Cristiandad, pág. 197, Madrid, 1973.

3 Clevenot, M., *Lectura Materialista de la Biblia.* Ed. Sígueme, pág. 97, Salamanca, 1978.

4 Belo, F., *Lectura Materialista de Marcos.* Ed. Verbo Divino, Estela, 1975, pág. 132.

5 Morin, Emile, *Jesus e as Estruturas de seu tempo.* Ed. Paulinas, pág. 127, São Paulo, 1980.

6 Morin, E., *Jesus e as Estruturas de seu Tempo.* Ed. Paulinas, pág. 109, São Paulo, 1981.

Cesaréia marítima e depois em Jerusalém, e finalmente os controladores do Sinédrio, anciãos e as famílias sacerdotais, ambos de tendência saduceu. Em contraposição a este privilegiados temos a grande maioria da população vivendo em "terrível pobreza" como nos diz o historiador judeu Barom en sua clássica obra, "Histoire d'Israel, vie sociale et religieuse".

II. A caminhada do Messias Jesus

"...anunciando o Evangelho de Deus...".

Diante do quadro histórico-económico-político, mostrado por nós de forma breve, fica uma pergunta: o que poderia ser uma Boa-Nova (Evangelho), para o povo pobre da Galiléia?

Optar pela Galiléia foi um ato de compromisso feito por Jesus, era uma adesão aos pobres, enfermos e oprimidos. Galiléia não era um lugar distinto, vede a frase de Natanael: "...de Nazaré pode sair alguma coisa boa?" (Jn 1, 46). Este compromisso de Jesus é caracteristico dos que são guiados pelo Espírito, eles se alinham com os injustiçados em ptoxó = pobres. Nesta linha de pensamento é que Vidales afirma: "o pobre é o sacramento do pecado coletivo"[7].

Com isto temos a primeira Boa-Nova do Messias Jesus, sua adesão aos pobres: "O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres..." (Lc 4, 18). Os pobres da Galiléia e de todo o Israel podiam se alegrar, pois chegara o: "...o ano aceitável do Senhor". Este ano da graça era sem dúvida um jubileo permanente, um tempo de libertação, cura, tempo de saciar a fome de justiça e fome de pão (Mc 8, 1-12).

Neste caminho chegamos a outra Boa-Nova, os pobres deveriam deixar de ser pobres. Tal afirmação pode parecer para alguns uma temeridade. Entretanto, era a única coisa que poderia consistir numa Boa-Nova, para os famintos agricultores da Galiléia, e para os pobres de qualquer época. E não há dúvida que também para Jesus, prova disto é o convite ao jovem rico: "Uma coisa ainda te falta; vai vende tudo o que tens dá aos pobres e..." Isto era o que faltava para ele ser um cidadão do Reino de Deus, o qual Jesus inaugura através de sua vida e ministério. Neste convite há um apelo, a uma reparação, uma denúncia e uma conversão. A reparação estava no fato de que a riqueza deste jovem iria, uma vez distribuida, tirar alguns pobres de seu total desamparo. A denúncia consistia em que se ele tinha de sobra era porque alguém tinha de menos, ou seja a riqueza é sempre iníqua (Lc 18, 23-30). E finalmente, uma conversão à pobreza e à missão de Jesus, ou seja, a contrução de uma nova sociedade, sobre bases mais justas: o Reino de Deus.

[7] Vidales, R., *Teología de la Muerte y Teología de la Vida*. Ed. Seisedet, pág. 3, Apostila, Buenos Aires, 1979.

III. "E chegado o Reino de Deus"

O verbo eggo = chego - aproximo, uzado por Marcos tem sua tradução orientada pelo outro verbo pleróo = pleno-cumpro-cheio-encho. O segundo verbo aponta sempre o momento certo transbordante. Deste modo não podemos aceitar os que traduzem eggizo por está próximo, e nao estamos sózinhos nesta maneira de traduzir, C. H. Dodd e outros defenderam esta tradução. Pois, se o tempo está pleno o Reino não está próximo, é chegado. Vicent Taylor propoe a sequinte tradução: "...cumpriu-se o prazo, já chega o Reinado de Deus...".

Qual a razão de tal posicionamento?

Primeiro sublinhar que o Reino é uma realidade histórica. Fugindo a todas interpretações triunfalistas, alienadoras e desencarnadas da realidade concreta que o anúncio do Reino quis e quer apontar.

Segundo, que o Reino é um projeto concreto inaugurado por Jesus a partir da Galiléia de século I.

A idéia da presença do Reino é enunciada além de nosso texto em Mc 9, 1 onde Jesus declara que alguns de seus ouvintes não iriam morrer sem que vissem que o Reino havia chegado. Mas não há dúvida, existe claras alusões à presença do Reino, na parábola do semeador (Mc 4, 3-9), na semente que cresçe em secreto (Mc 4, 26-29). Isto pode ser reforçado pela evidência que os milagres e a expulsão de demônios, eram para o judaismo de caracteristicas farisaicas e também popular sinais demarcatórios da presença do Reino de Deus, vejam a frase de Jesus, quando acusado, pelos Farisus, de expulsar demonios pelo poder de Belzebu, maioral dos demonios: "...se eu expulso demonios pelo Espírito de Deus, certamente é chegado o Reino de Deus" (Mt 12, 28; Lc 11, 20).

Desde modo, fica evidente que o Reino de Deus é o núcleo da mensagem de Jesus, no sentido de que a História da Salvação culminou com a encarnação do Messias Jesus, e tem uma continuidade qualitativamente superior no anúncio do Reino por este Messias, e na radicalidade com que ele vive e apresenta os sinais caracteristicos do Reino de Deus.

Com isto, fica evidente que o projeto do Reino, como projeto de Deus, é, *principalmente para Marcos, o prosseguimento da grande marcha de libertação* iniciada por Deus através de Moisés e que agora tivera continuidade na caminhada do Messias Jesus. Vejamos mais objetivamente como isto se concretiza no texto.

O quadro geográfico que antecede o anúncio do Reino, tem profundas relaçoes com o Êxodo e a ordem: "Diga aos filhos de Israel que marchem" (Ex 14, 15). No inicio da marcha de Moisés e o povo (Ex 14, 19), no batismo de Jesus (Mcl, 19-21), a presença do Espírito é sublinhada. Moisés e o povo descem ao mar, Jesus (e o povo) desce às águas (Ex 14, 22; Mcl, 9). Moisés e o povo são tentados no deserto, Jesus também tentado no deserto, só que sem pecar.

Estas coincidências e outras que poderiam ser apontadas, não são ocasionais, elas estão aí para mostrar que a marcha dos filhos de Israel com Moisés, é atualizada de forma mais excelente, na marcha de Jesus a partir do batismo

e do deserto, onde Jesus como Moisés é seguido pelas multidões. Ambas marchas são de Libertação. Do mesmo modo, elas tem por fundamento a submissão a uma ordem do Senhor (Ex 14, 15; Jn 1, 17; Mcl, 38; Jn 5, 36-37).

Os evangelistas mostram com clareza o ministério de Jesus como uma marcha dinâmica de Salvação (Mc 1,16; 1, 21; 2, 23; 3, 7; Lc 13, 22; Mt 11, 1). Jesus assim como Moisés começa a trabalhar com um povo pobre, escravo e oprimido, são estes os alvos da Libertação do Senhor, tanto no Egito, como na Galiléia do século I.

A mensagem que Moisés recebeu de Deus para entregar ao povo, foi de conversão ao Senhor, ou seja: "Tomar-vos-ei por meu povo, e serei vosso Deus..." (Ex 6, 7). Mas tb de cumprir a promessa feita de dar-lhes a terra de Canaã, a terra que *emana* leite e mel.

A mensagem de Jesus é o anúncio do Reino como presente. É o ideal do governo de Deus "...vós sereis meu povo e eu serei vosso Deus" conforme o Êxodo. Mas também no anúncio do reino está presente a idéia de conversão: ...arrependei-vos e crede no Evangelho" Mc 1, 14.

O anúncio do Reino é também marcado pela idéia de um tempo de abundancia: "Bem-aventurado vós os pobres, porque vosso é o Reino de Deus. Bem-aventurado vós os que agora tendes fome, porque sereis fartos" (Lc 6, 20-21).

Hoje quando vemos a temática Reino de Deus, como central na pregação de Jesus, temos aí uma resposta plena às humilhações que Israel vivia. Ou seja, ser explorada por uma nação estrangeira, que estimulou e ampliou a divisão em classes sociais do povo da Galiléia e por consequência toda Israel. Aumentando com isto a exploração das classes populares, fazendo assim crescer o número de doentes, desempregados e pobres em geral, conforme já sublinhamos. Sob todos os aspectos fica assim esclarecida a frase cunhada pelo evangelista com o seguinte tom: "...o tempo está pleno é chegado o Reino de Deus..." (Mc 1, 15), aqui fica registrada acima de tudo a esperança das classes populares, ou ainda, em expressões como: "uma grande multidão vinda da Galiléia o seguiu..." (Mc 3, 7).

De fato não há como iludir a força do Evangelho, a mensagem encontra nos ptoxói = pobres, seus primeiros beneficiários e imediatos adeptos, são eles que compõem a comunidade dos seguidores de Jesus, conforme o testemunho da tradição oral, testemunho confirmado pelos evangelistas.

Se reconhecemos, um caráter articulador das classes populares, primeiro na própria realidade vivencial-histórica da Galiléia. Palestina do século I, segundo no anúncio do Reino e na prática do Reino implicita no ministério de Jesus (Mc 3, 32; 2, 26; Lc 3, 22-23).

Desde modo, temos de imediato uma chave hermenêutica que abre um sentido novo no Evangelho, e isto é profundamente decisivo para a Igreja, na medida que ela é desafiada a ler o Evangelho com a abertura que a compreenção da historicidade do Reino, como um projeto histórico vivido no Evangelho pelo Messias Jesus até a morte, lhe trás.

A verdade, é que sublinhar isto, torna-se fundamental, visto ser comum uma leitura do anúncio do Reino com uma realidade "espiritual" e transcendente, fazendo com que seu caráter histórico e mobilizador das forças populares, seja

domesticado, inibindo assim a caminhada da construção do Reino iniciada por Jesus na Galiléia.

Conclusão: Conversão ao Reino como conversão à mudança na História

Como vimos a caminhada do Messias Jesus foi uma marcha de compromisso com a mudança na vida dos pobres da Galiléia, prova disto são os já mencionados sinais do Reino.

Os Evangelhos nos apontam o convite à conversão ao Reino, como um converter-se a um Deus que não está "lá em cima" ou "lá fora", mas a um Deus que nos provoca na história. Semelhantemente ao que já fizera com o povo de Israel no Egito.

Jesus inicia sua pregação apontando o emergir presente do Reino. E segue enunciando num processo que vai provocando rupturas na história concreta do povo, alvo primeiro de sua mensagem. São realidades que são radicalmente mudadas. O último passa ser o primeiro, o senhor tem que ser servo, o rico tem que se converter e dar ao pobre, os famintos são alimentados e o alimento que lhe era negado agora transborda. E assim, dezenas de quadros históricos são alterados, na medida com que o povo atenta para a mensagem do Reino e a ele vai aderindo.

Deus se coloca nesta marcha a frente do povo revelando na caminhada do Messias sempre coisas novas e históricamente concretas, a semelhança do que fizera no Êxodo. Em ambos os casos ele é um Deus provocativo e que chama o homem a construir uma nova história, onde a miséria a pobreza podem ser superadas.

ATLAS erials

Copyright and Use:

As an ATLAS user, you may print, download, or send articles for individual use according to fair use as defined by U.S. and international copyright law and as otherwise authorized under your respective ATLAS subscriber agreement.

No content may be copied or emailed to multiple sites or publicly posted without the copyright holder(s)' express written permission. Any use, decompiling, reproduction, or distribution of this journal in excess of fair use provisions may be a violation of copyright law.

This journal is made available to you through the ATLAS collection with permission from the copyright holder(s). The copyright holder for an entire issue of a journal typically is the journal owner, who also may own the copyright in each article. However, for certain articles, the author of the article may maintain the copyright in the article. Please contact the copyright holder(s) to request permission to use an article or specific work for any use not covered by the fair use provisions of the copyright laws or covered by your respective ATLAS subscriber agreement. For information regarding the copyright holder(s), please refer to the copyright information in the journal, if available, or contact ATLA to request contact information for the copyright holder(s).

About ATLAS:

The ATLA Serials (ATLAS®) collection contains electronic versions of previously published religion and theology journals reproduced with permission. The ATLAS collection is owned and managed by the American Theological Library Association (ATLA) and received initial funding from Lilly Endowment Inc.

The design and final form of this electronic document is the property of the American Theological Library Association.